



## **Jornalismo e Literatura: Uma Análise de Os Subterrâneos<sup>1</sup>**

Sávio Augusto LOPES<sup>2</sup>

Patrícia Vargas Lopes de ARAUJO<sup>3</sup>  
Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG

### **RESUMO**

A proposta deste trabalho é analisar a obra *Os subterrâneos* (1958), produzida por um dos mais reconhecidos autores da geração beat, o escritor norte americano Jack Kerouac (1922-1969), sob a perspectiva do jornalismo literário. Pretende-se, com esta análise, observar como a escrita de um romance considerado autobiográfico pode atuar como um relato jornalístico e, ainda, de que forma ocorre o diálogo entre o jornalismo e a literatura. O estudo foca nas correntes americanas do New Journalism, do Gonzo e dos conceitos de biografia como gênero jornalístico e literário.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo; Literatura; Beat; Subterrâneos; Gonzo.

Jack Kerouac é de origem franco-canadense e nasceu nos Estados Unidos em 1922. Durante sua infância e juventude, recebeu educação tradicional, frequentou colégio jesuíta, trabalhou na fábrica do pai e era muito dedicado à mãe. Contudo, a partir de meados dos anos 40 iniciou a vida nômade peculiar à geração *beat*, juntamente com seus amigos e também escritores Neal Cassidy, William Burroughs, Allen Ginsberg, entre outros. Sua obra de maior sucesso foi *On The Road*, relato de caráter autobiográfico de sua viagem junto com Neal Cassidy pela rota 66, que liga o leste ao oeste dos Estados Unidos. A obra atingiu sucesso de vendas e é considerada a bíblia dos movimentos *hippie* e *beat* (BUENO, 2007).

O termo geração *beat* refere-se a um grupo de jovens escritores americanos que nos anos 1950 criaram uma corrente literária inovadora, assim como o seu estilo de vida. A literatura *beat*, também chamada de *beatnik*, foi de grande influência para a cultura contemporânea, pois foi uma das primeiras expressões do que chamamos hoje de contracultura. Os ideais e hábitos do grupo em questão fugiam dos parâmetros

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 12 a 14 de maio de 2011.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Comunicação Social/Jornalismo Universidade Federal de Viçosa, email: [savio56@gmail.com](mailto:savio56@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professora do Curso de História da Universidade Federal de Viçosa, email: [patricia.lopes@ufv.br](mailto:patricia.lopes@ufv.br)



existentes na sociedade americana da época, influenciando uma massa de jovens e cidadãos descontentes com a forma de vida tradicional imposta pela sociedade, criando assim uma cultura rebelde (PEREIRA, 1983).

Este trabalho pretende focar uma obra menos famosa do autor, porém de grande importância. A obra *Os subterrâneos* foi lançada um ano depois de *On The Road* e o sucesso estrondoso do relato de viagem acabou por diminuir o foco dado para as obras lançadas posteriormente pelo autor, tanto por parte da mídia quanto do público e das pesquisas na área. Contudo, as características que fizeram com que Kerouac fosse considerado pai da geração *beat* está presente em diversos outros escritos de sua autoria. Com intuito de propor uma análise que já não fosse tão discutida, a obra *Os subterrâneos* foi escolhida como objeto de estudo.

A obra trata do envolvimento amoroso de Leo Percepeid, codinome usado por Kerouac, com a negra subterrânea Mardou Fox. A história acontece em São Francisco, o que parece ser o início dos anos 50<sup>4</sup>. Apesar do drama dominante, outros aspectos são focados na narrativa, como o ambiente boêmio de São Francisco, os hábitos da geração, a exclusão social sofrida por Mardou, entre outros temas.

Foi através do movimento *beat* que as transformações na linguagem extrapolaram as atitudes individuais e se tornaram uma rebelião coletiva, levando à inauguração de uma nova relação entre arte, vida, literatura e sociedade (WILLER, 2009). Portanto, esse estudo se justifica não só pela importância histórica da obra analisada, mas também pela contribuição à produção literária. Através desse estudo, busca-se observar a possibilidade de retratar uma realidade através de linguagem mais solta, independente de estruturas e assim convergir o Jornalismo e a Literatura.

Nesse estudo serão focadas algumas correntes do Jornalismo Literário que surgiram nos Estados Unidos entre as décadas de 50 e 70 e são consideradas formas alternativas de Jornalismo, buscando maior aproximação com a Literatura. Além disso, será observado o caráter biográfico da obra, sendo analisado esse conteúdo que mescla Jornalismo e Literatura. Dessa forma, torna-se possível observar o caráter jornalístico de *Os subterrâneos*.

## **Irreverência no Jornalismo**

---

<sup>4</sup> A história não é datada. Contudo, Buin (2005) assume ao relacionar com fatos biográficos de Kerouac que a história ocorre em 1953.



As formas irreverentes de escrita no jornalismo surgidas nos anos 50 e 60 causaram espanto e desgosto em parte dos leitores de jornais e revistas. Contudo, parte da mídia americana sabia que todo aquele alvoroço causado por uma geração de jovens rebeldes poderia trazer conteúdo para revistas e jornais, como é o caso da revista *Rolling Stone*, que contratou o jornalista Hunter Thompson para produzir uma série de reportagens.

A relação de Kerouac com o jornalismo é perceptível na forma da escrita, a qual possui intensa descrição de ambientes e acontecimentos, além do fato de possuir uma estrutura de escrita que se assemelha às formas do jornalismo literário, em especial o *New Journalism* e o Gonzo. Ambas as formas de jornalismo se aproximam temporalmente da manifestação da cultura promovida pela *beat*, sendo o *New Journalism* principalmente dos anos 40 e 50 e o Gonzo dos anos 60 e 70<sup>5</sup>. Dessa forma, pode-se estabelecer uma relação entre as manifestações na escrita da literatura e do jornalismo, visando as influências dadas e recebidas pelo movimento *beat*.

Willer (2009) ressalta as características do texto de Kerouac que obtiveram repercussão nas formas alternativas de jornalismo: “Sua contribuição decisiva para recuperar o sujeito, a fala, a primeira pessoa na criação literária, teve reflexos no jornalismo participativo praticado, a partir dos anos 60, por Tom Wolfe e Hunter Thompson” (p.82).

Kerouac não deixou somente marcas para a escrita jornalística como também recebeu influência de Tom Wolfe, fundador do *New Journalism*. “Os autores contemporâneos que mais influenciaram Jack Kerouac foram Thomas Wolfe e William Saroyan, integrantes de uma tradição americana altamente individualista” (BUENO, 2004).

O denominado *New Journalism* surgiu nos Estados Unidos com o objetivo de propor uma nova forma de trabalhar com a informação e a comunicação. Era o momento em que o jornalismo tradicional composto por matérias enrijecidas e formadas pela estrutura básica do *lead* tomava conta dos tablóides do país. O escritor Tom Wolfe, em parceria com outros jornalistas, demonstrava-se insatisfeito com a objetividade da informação, presente até os dias de hoje. Com isso, criou-se o *New Journalism*, uma forma de relato literário o qual, segundo Felipe Pena (2003), possui quatro principais

---

<sup>5</sup> Os períodos mencionados foram estabelecidos devido ao período de maior repercussão dessas formas de jornalismo, contudo não se limitam somente a esses períodos.



técnicas: a construção cena-a-cena, o uso de diálogos, a alternância do foco narrativo e a reconstituição minuciosa de características simbólicas dos personagens.

Tom Wolfe é considerado o criador do movimento *New Journalism*. Contudo, o jornalista admite influência de uma obra que é considerada pioneira no estilo, *A sangue frio* (1967) de Truman Capote. O autor inovou a escrita jornalística ao relatar a história de dois assassinos que executaram uma família na zona rural do Kansas, nos Estados Unidos. Apesar de possuir uma estrutura romanesca, o livro retrata um fato real, o qual Capote dedicou-se por cinco anos a pesquisar. A obra é composta por diálogos, inclusive interiores, e houve a reconstituição da atmosfera nas cenas do crime. (PENA, 2003)

A característica descritiva está presente em diversas partes de *A sangue frio*, principalmente quando se trata de cenários que ambientam a história.

O escritório, que tinha uma entrada independente para os visitantes comuns, era separado da sala por uma porta de correr; [...] um santuário bem organizado, forrado com lambris envernizados de nogueira, onde, cercado por barômetros, gráficos de pluviometria e um par de binóculos, sentia-se um capitão em sua cabine de comando, um navegador pilotando a fazenda River Valley em sua travessia às vezes tormentosa de cada estação do ano. (CAPOTE, 1971, p.40)

Os diálogos interiores presentes na obra de Capote citados por Pena dizem respeito aos pensamentos, de certa forma fictícia, dos personagens reais, uma suposição bem elaborada daquilo que o personagem estaria pensando naquele momento.

Cantar, e cultivar o projeto de um dia fazê-lo diante de uma platéia, era outra maneira hipnótica de ir passando as horas. Perry sempre usava o mesmo cenário imaginário – uma boate em Las Vegas, por acaso sua cidade natal. Era uma sala elegante, repleta de celebridades animadas e atentas à sensacional versão que o novo astro criara para “I’ll be seeing you”, com acompanhamento de violinos, e depois à última balada que ele próprio compusera. (CAPOTE, 1971, p.37)

Um fator de grande importância que propulsionou o sucesso do estilo em questão foi a insatisfação de escritores da imprensa com o enrijecimento do texto jornalístico, marcados pela objetividade e pela estrutura do *lead*, que consiste em começar o texto respondendo as principais questões que possivelmente interessa ao leitor. Com isso, o objetivo do *New Journalism* é se opor à objetividade e a palidez do jornalismo supostamente objetivo, assumindo a subjetividade e o valor estético do texto como qualidades. Para tanto, o autor utiliza interjeições, sucessão de pontuações e elementos da fala oral, o detalhamento de ambientes e símbolos e sensações, inclusive as de entorpecimento (PENA, 2003).



Dessa forma, é notável que a crítica à “cientificidade” proposta por Wolfe se assemelha muito ao ideal proposto pela contracultura, visto que o Jornalismo Literário prega a humanização do texto. O próprio texto de Kerouac em *Os subterrâneos* contém a maioria desses aspectos. Características inerentes ao ser humano e a descrição de uma variedade de sentimentos garante a humanização de seu texto. “Por restaurar o sujeito, *Os subterrâneos* é um livro no qual está presente o erotismo.” (WILLER, 2009, p.82).

As características citadas por Pena como características do *New Journalism* estão presentes em *Os subterrâneos*. A construção cena-a-cena ocorre devido ao fato da obra seguir uma linha cronológica, apesar do autor já antecipar alguns acontecimentos devido à sua desconfiança do futuro.

Os diálogos estão também contidos devido à forma de romance que Kerouac propõe ao relato. Apesar de não possuir parágrafos para marcar as falas, ele mantém o diálogo em poucas divisões de parágrafos. Além disso, o autor mantém marcas da oralidade, o que acaba por garantir autenticidade ao diálogo.

“Ela é muito afetuosa, meu Deus, de repente ela te dá um abraço só de afeto repentino, sem nenhum outro motivo.” - “Você vai conseguir? Ter um caso com ela?” - “Olha eu vou te – vou te dizer uma coisa – ela é muito não é pouco doida não – está fazendo terapia, parece que ela pirou feio muito recentemente [...]” (KEROUAC, 1958, p.21)

O foco narrativo da história também alterna de forma repentina durante o enredo. Em geral, a narração é feita em primeira pessoa, relatando seus próprios pensamentos e visões. Contudo, em determinado momento Kerouac começa a narrar o dia de Mardou, alternando para uma narração de observador, visto que ele não estava presente no momento.

Dia raiando, Mardou caminhando alegre e mentessubmersa, absorta, em direção à loja, para comprar o broche – parando então numa *drugstore* examinando os cartões-postais durante nada menos que duas horas um por um repetidamente detalhadamente porque só lhe restavam dez centavos e só dava para comprar dois e esses dois tinham que ser talismãs íntimos perfeitos do novo significado importante, emblemas de presságios pessoais. (KEROUAC, 1958, p.41)

A personagem Mardou é composta por uma série de elementos simbólicos, os quais são detalhadamente relatados por Kerouac, assim como os preceitos do *New Journalism*. “Escura, mal dava para vê-la na rua mal-iluminada – os pés calçados em sandálias de dedo tão grandiosamente sexuais que me deu vontade de beijá-la, de beijá-las - mas sem me tocar de nada disso” (KEROUAC, 1958, p.11)



Andrade (2005) relata sobre a produção colaborativa dos escritores *beats* para diversos jornais alternativos, tanto com a criação quanto com a circulação. O autor ainda ressalta o diálogo direto dos escritores com outras personalidades da contracultura, sendo um deles o jornalista Gonzo Hunter Thompson. O Jornalismo Gonzo é considerado uma vertente do *New Journalism*, porém, segundo Czarnobai (2003), possui características próprias, sendo algumas delas a participação do jornalista na apuração e a irreverência da escrita ainda mais acentuada que o *New Journalism*. A denominação Gonzo surgiu do codinome utilizado pelo advogado de Hunter Thompson em sua aventura em Las Vegas, “Dr. Gonzo”. Othitis (1994) aponta o fato de que Thompson seria não só o fundador do Jornalismo Gonzo, como também o único integrante do movimento.

A irreverência contida em *Medo e Delírio em Las Vegas* é grande a ponto de ser necessário transcrever diálogos gravados por Thompson já que o autor não se encontrava em condições de relatar o ocorrido devido ao entorpecimento. A nota da edição justifica da seguinte forma: “A esta altura da cronologia, o Dr. Duke parece ter sofrido um colapso total; o manuscrito está tão fragmentado que fomos obrigados a recorrer à gravação original e transcrevê-la na íntegra” (THOMPSON, 1971, p.177).

Já em *Os subterrâneos* é possível notar em muitos momentos o delírio do autor ao escrever, pois ele foge da narração e entra em uma descrição de seus pensamentos íntimos e entorpecidos.

[...] também o súbito êxtase de cerveja quando visões de grandes palavras em ordem rítmica tudo num único livro arcanjo avassalam meu cérebro, aí eu fico deitado no escuro vendo ouvindo também o jargão dos mundos futuros – damajehe eleout ekeke dhdkdk dldoud, -d, ekeoeu dhhdhkehyt – melhor não um mais que Ither ehe o macmurphy daquele djardint que cujo estranhamente há de mdodudltk dip – baseeaatra – exemplos fracos devido às necessidades mecânicas da datilografia, do fluxo dos sons fluviais, palavras, escuridão, levando ao futuro e explosões de minha mente que abençoada ou desabençoada é nela que cantam as árvores – num vento esquisito bem-estar acredita que ele vai para o céu – para bom entendedor meia palavra basta ‘Esperto demais Pirou’, escreveu Allen Ginsberg”. (KEROUAC, 1958, p. 58)

De acordo com Andrade (2005) através da experimentação com drogas, o grupo de escritores *beat* buscava “estimular a percepção através do desregramento e da alteração da consciência”. A prática era, segundo o autor, uma forma de buscar uma visão



diferenciada da realidade, por isso era chamada de “Nova Visão”, que se tornou material para a produção literária do grupo. Essa tradição vem de influência de outras gerações literárias, de escritores como Rimbaud, Baudelaire, Blake, entre outros. Através do uso de substâncias que afetavam seus sentidos, era possível explorar o lado obscuro da psique humana.

Sendo também personagem de seus relatos, Thompson também assume um codinome. Em *Os subterrâneos*, Kerouac é Leo Percepeid; em *Medo e Delírio em Las Vegas*, Thompson é Dr. Duke, utilizando nome falso para não deixar rastros na cidade. Por ser uma forma mais radical da irreverência do *New Journalism*, a forma do texto Gonzo se aproxima mais ao de Kerouac.

Segundo Czarnobai (2003) Thompson costumava dizer que o bom Jornalista Gonzo deveria ter a aptidão para o Jornalismo, o olhar atento de um fotógrafo, e a coragem descarada de um ator, para, dessa forma, interagir com o acontecimento e reportá-lo enquanto estivesse acontecendo (e como se estivesse acontecendo). Fazendo uma comparação com Kerouac, nota-se que ele interage com os fatos relatados em *Os subterrâneos*, visto que tratam-se de relatos pessoais em primeira pessoa e que, de acordo com o próprio texto, foi escrito instantaneamente após a ocorrência dos fatos descritos. Ao final de todo o relato, o autor encerra com o seguinte trecho: “Eu vou para casa tendo perdido o amor dela. E escrevo esse livro” (KEROUAC, 1958, p.140). O trecho demonstra a instantaneidade e a proximidade temporal dos relatos na obra, sendo que três dias e três noites depois, o livro já estava escrito.

Truman Capote demorou cinco anos em sua pesquisa para a composição de *A sangue frio*, obra inaugural do *New Journalism*. Já Kerouac não precisou de um tempo específico para pesquisa em *Os subterrâneos*, visto que a obra trata de sua vida pessoal e seu ambiente de convívio. Esse aspecto traz a obra traços autobiográficos, possuindo características específicas expostas nos estudos do jornalismo.

### **A biografia de um herói**

Pena (2003) defende que os biografados são compostos basicamente de dois grupos: as celebridades e os heróis. Segundo ele, as celebridades são aqueles caracterizados pela espetacularização e por prover entretenimento, cada momento de suas vidas é superdimensionado, para assim “roubar o espetáculo” e tornar-se objeto de identificação de seus espectadores. Já os heróis não vivem em um cotidiano





supervalorizado, e sim na esfera do extraordinário, possui um propósito maior e ao contrário da celebridade que vive para os outros, o herói vive para si.

Jack Kerouac, biografado de *Os subterrâneos* se encaixa melhor no perfil do herói, pois além das características citadas, ele possui o reconhecimento do público e uma imagem mitificadora, visto que é considerado o pai das gerações *beat* e *hippie*. Outra característica essencial citada por Pena para definir um herói é “carregar os arquétipos (modelos primitivos) que constituem o inconsciente coletivo (a representação psíquica) de seu povo” (2003, p.84). Além disso, Pena relata o fato de que “[...] se o indivíduo se dispôs a escrever a própria história, sua existência só pode ter sido excepcional” (2003, p.84), o que se aplica a diversas obras de Kerouac, todas de caráter autobiográfico.

A história de *Os subterrâneos* relata o envolvimento amoroso de Leo Percepid, codinome do próprio Kerouac, com a *beat* subterrânea Mardou Fox<sup>6</sup>, caracterizada por ser negra e descendente de índios americanos. Contudo, o foco principal da história não é o amor dos personagens, e sim o que ele representa. Em momentos iniciais da formação da chamada cultura *beat*, Mardou é o conjunto de tudo aquilo que essa cultura passa a representar, vivendo à margem da sociedade em condições de vida precária, regada a drogas, bebidas e jazz. No momento em que Kerouac se envolve com ela, vivia com a mãe e, apesar de ter escrito alguns livros, ainda não era reconhecido como pai da geração *beat* (o termo ainda não era disseminado). Seu dia-a-dia era dividido em duas partes: momento em que estava em casa com a mãe, sendo dedicado a ela e a escrever e os momentos em que estava com Mardou, quando era descontrolado, ciumento e abusava de drogas e bebidas.

A primeira parte da obra há o relato minucioso do ambiente *underground* de São Francisco e dos hábitos do grupo de amigos de Kerouac, além da atração dele por Mardou e suas tentativas de conquistá-la. Já a segunda parte da história, relata os pensamentos íntimos de Kerouac a respeito de Mardou e tudo que ela representa. O foco está em sua dúvida entre deixá-la em troca de seu “bem-estar” e aceitação social e o de constituir família com um membro deslocado da sociedade. É possível observar essa característica através do trecho em que Kerouac descreve o desconforto social provocado por sua relação com Mardou: “[...] como se com ela eu estivesse sempre torto – nunca longe do meu quimérico gabinete de trabalho e casa confortável, no

---

<sup>6</sup> Acredita-se que o verdadeiro nome de Mardou Fox seja Alene Lee, contudo há divergências, pois a mesma se recusava a revelar sua identidade para diversos biógrafos. Contudo, sua descrição se assemelha à existente na obra.





mundo cinzento e hostil da cidade-mundo, em estado de BEM-ESTAR.” (KEROUAC, 1958, p.55).

Fica claro durante a narrativa que, apesar de Mardou ser uma representante da *beat* subterrânea, ela não busca desvirtuar seu parceiro, muito pelo contrário, tenta impedi-lo de seus atos insanos. Kerouac admite isso, aceitando muitas vezes as culpas pelas falhas no relacionamento, apesar de suas constantes dúvidas a respeito do caráter da amada, geralmente fundamentado pela sua posição perante a sociedade.

Durante a narrativa é possível notar elementos da fala que garantem a impressão de veracidade do relato, por manter certas falas da marca oral o texto parece uma verdadeira transcrição do ocorrido. Como é o caso da fala de Mardou ao tentar relatar sua traição, sendo acrescentado ao texto, comentário de Kerouac entre parênteses:

“Bem eu fui até o Dante’s e não quis ficar, e tentei sair – e o Yuri estava querendo ficar – e aí ele chamou alguém – e eu estava no telefone – e disse ao Yuri que queriam falar com ele” (desconexo assim mesmo) “e enquanto ele está na cabine me mando vou pra casa, porque eu estava cansada – amor às duas da manhã ele veio e bateu na porta-” (KEROUAC, 1958, p. 136)

Contudo, existem controvérsias a respeito da verdadeira história entre Jack Kerouac e Alene Lee. Buin (2007) relata em uma biografia de Kerouac a hipótese de que Alene Lee, retratada como Mardou Fox, houvesse influenciado diretamente na composição da obra, sendo submetida à sua aprovação depois que fora escrita. Segundo o autor, a história aconteceu em Nova Iorque, e a pedido de Alene, foi mudada para São Francisco. Outras mudanças foram propostas por ela, incluindo que fosse retratada como de pele branca e que a escrita não fosse de cunho tão íntimo e desenfreada, sendo essas últimas não atendidas pelo autor. O biógrafo ressalta a paixão que envolvia a relação de Kerouac e Lee, sendo realmente da forma como Leo Percepeid e Mardou Fox representam.

Em contraposição, Willer (2009) confirma a presença dos *beats* em São Francisco em 1953, de acordo com o relatado em *Os subterrâneos*. No entanto, relata que a “intensidade da atração por Mardou em *Os subterrâneos* teria sido literária” (p.39), contrapondo ao drama amoroso representado na obra e confirmado na biografia de Buin (2007).

Já em uma análise dos nomes utilizados por Kerouac contida no prefácio de *O livro dos sonhos*, admiti-se que Mardou Fox é também chamada de Irene May, enquanto seu nome real é tido como desconhecido.



Pena (2003) relata que existe certa subjetividade em relatos de memórias, visto que ela é relativa aos pontos de vistas e interpretações, portanto existem formas alternativas de relatos biográficos, as quais possuem mais flexibilidade em relação à verdade, admitindo que ela não é absoluta. Além disso, existe uma ilusão de que se pode apresentar a vida como uma história coerente, o que se aplica às controvérsias a respeito da veracidade da história de *Os subterrâneos*. Segundo o autor, as memórias biográficas costumam ser cópias fragmentadas e irregulares, ocorrendo infinitas subdivisões da memória, que acaba deixando de lado inexploradas visões do biografado. O autor também aponta casos de biografias que relatam pensamentos e delírios do biografado, provando novamente a possibilidade da subjetividade no gênero biográfico. Essa característica também é notável nos relatos de Kerouac em relação às suas dúvidas quanto ao caráter de Mardou: “Minhas dúvidas todas elas muito bem assessoradas por uma paranóia galopante, que na verdade é minha confissão – dúvidas, então, todas desaparecidas.” (KEROUAC, 1958, p.67).

Nas palavras de Pereira, o “objetivo do Jornalismo Literário é envolver o leitor da maneira mais íntima possível na narrativa para, com esse envolvimento, transmitir as narrativas de profundidade” (2007, p.51). As biografias seguem esse princípio, sendo pouco visíveis barreiras entre jornalismo e literatura emprega-se recursos narrativos da literatura sem deixar de lado o objetivo de informar, trazendo ao relato dos fatos uma forma mais interessante e aprofundada. Em relação à produção biográfica, Vilas Boas afirma: “[...] a narrativa biográfica intercambia metodologia e saberes distintos em sua práxis. Ela é um constructo simbólico, híbrida por natureza”. (2002, p.15)

De acordo com Pena (2003) parte da compreensão dos relatos biográficos ocorre através da construção do espaço público em torno dos personagens. Comparando-se, o ambiente urbano é muito explorado na narrativa de *Os subterrâneos*, além da relação entre os membros daquela cultura, o que garante a compreensão do contexto.

Muito da literatura dos *beats* conta sobre a relação de amizade e afeto entre os homens ou sobre a tristeza da descoberta de que o amor e a paixão perecem - até chega a lembrar o ápice da geração ultra-romântica do século XIX. Todo o resto – o zelo pela religião oriental, o flerte com o existencialismo, a fascinação pelos sonhos, o radicalismo político, a paixão pelas drogas, a liberdade sexual – era meramente decoração de uma complexa rede de relacionamentos pessoais (PINTO, p.32, 2007).

Apesar do não compromisso com a verdade propriamente dita, a obra analisada se enquadra em características da literatura biográfica e jornalística. Os fatos sobre Mardou



podem não se assemelhar com exatidão aos sobre Alene Lee. Contudo, o centro da obra, que trata da *beat* subterrânea, possui fundamentação por ter sido escrita por um dos componentes da geração.

### **Considerações finais**

Assim como a Literatura, o Jornalismo também sofreu diversas mudanças através de sua existência e nota-se que parte dessa mudança, especialmente na América do Norte, deve-se a livre escrita de Kerouac. Em *Os subterrâneos* a história de vida do autor não é a prioridade a ser relatada, e sim o contexto em que o autor viveu. Portanto, os detalhes de sua vida pessoal não são de grande importância, afinal não se trata da biografia de uma celebridade, e sim de um herói, considerando os conceitos expostos por Pena (2003).

Com isso, confirma-se a hipótese de que a obra seja um fragmento de uma realidade vivida por muitos, e pode, portanto atribuir certo caráter jornalístico à obra. Cabe ressaltar que o Jornalismo Literário não se baseia necessariamente na veracidade e sim na verossimilhança, na mimetização da realidade (PENA, 2003), característica essa que se assemelha à obra analisada. O trabalho jornalístico consiste em uma imersão em determinada realidade, assim como Kerouac faz em *Os subterrâneos*, ao descrever de forma minuciosa as práticas da geração *beat*.

### **REFERÊNCIAS**

ANDRADE, R. A **Contracultura, ainda em vigor, na base da rebeldia e da transformação**. Disponível em: <http://senhorf.com.br/revista/revista.jsp?codTexto=1395>. Acessado em 26/Jan/2011.

BOAS, V. B. **Biografias & Biógrafos: Jornalismo sobre personagens**. São Paulo: Summus, 2002.

BUENO, E. **A longa e tortuosa estrada profética**. Prefácio da versão brasileira de *On the Road*. Porto Alegre. L&PM, 2004.



BUIN, Y. **Kerouac**. Porto Alegre: L&PM, 2007.

CAPOTE, T. **A Sangue Frio**: relato verdadeiro de um homicídio múltiplo e suas conseqüências. São Paulo: Companhia das Letras, 1965.

CZARNOBAI, A.F.P. **Gonzo**: o filho bastardo do New Journalism. 2003. 90f. Monografia (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo)-Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS, 2003.

KEROUAC, J. **Os subterrâneos**. Porto Alegre: L&PM, edição de 1998. 1958

OTHITIS, C. **The beginnings and concept of gonzo journalism**. The Great Thompson Hunt, 1994. Disponível em <http://www.gonzo.org/articles/lit/esstwo.html> Acessado em 25/Out/2010.

PENA, F. **Jornalismo Literário**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

PEREIRA, L. S. **A biografia no âmbito do jornalismo literário**: análise comparativa das biografias Olga, de Fernando de Moraes e Anayde Beiriz, paixão e morte na Revolução de 30, de José Joffily. 2007. 97p. Monografia (Comunicação Social) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, 2007.

THOMPSON, H. T. **Medo e Delírio em Las Vegas**: uma jornada selvagem ao coração do Sonho Americano. Porto Alegre: L&PM, 1971.

WILLER, C. **Geração Beat**. Porto Alegre: L&PN, 2009.